

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

UM LAGO CHAMADO GUAÍBA

Carlos Alfredo Azevedo de Oliveira
Boletim Gaúcho de Geografia, 9: 33-39, maio, 1981.

Versão online disponível em:
<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38607/26161>

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - maio, 1981

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

UM LAGO CHAMADO GUAÍBA

Carlos Alfredo
Azevedo Oliveira*

A impropriedade das designações de acidentes geográficos não é muito rara na cartografia destinada ao grande público. Tais impropriedades são devidas, geralmente, ao grande respeito pela tradição e pela linguagem habitual do povo. O rigorismo científico tal vez distanciasse este da consulta ou da compreensão dos mapas. Assim, vemos nos grandes atlas universais notórios lagos ainda designados por mares, como o Mar Morto, o Mar Cáspio, o Mar de Aral e o Mar da Galiléia, apenas este entre parêntesis, corretamente designado por Lago Tiberíades ou de Genesaré.

Outras vezes, como acontece em nosso território, denominações postas apressadamente em roteiros e cartas pelos primeiros exploradores, que não verificaram com a devida exatidão o acidente geográfico, são mantidas pela tradição ou pelo hábito. É o caso da Baía da Guanabara que, inicialmente, foi tomada como desembocadura de um rio, o Rio de Janeiro. Desta maneira, tanto a cidade como o Estado, deveu o seu nome a um rio que não existe.

O mesmo equívoco ocorreu com o nosso Estado, que também deveu seu nome a um rio inexistente. Nos mapas primitivos da região, os cartógrafos esboçavam um Rio Grande desde o canal que conserva este nome, e que é o emissário da Laguna dos Patos no Atlântico, até as nascentes do Jacuí.

Na medida em que se foi tornando mais conhecido o Continente de São Pedro, as designações de seus acidentes geográficos foram sendo postas de forma mais adequada, com exceção do Guaíba - habitualmente chamado de rio ou de estuário. Entretanto, se examinarmos detidamente o significado desses termos, veremos que o Guaíba não se enquadra neste tipo de fenômeno da hidrografia continental.

Estuário é foz, é desembocadura de rio no mar, caracterizada por uma abertura larga e relativamente profunda. O ambiente estuarino é desfavorável à acumulação de sedimentos, em virtude das cor

* Professor do Departamento de Geociências da UFRGS.

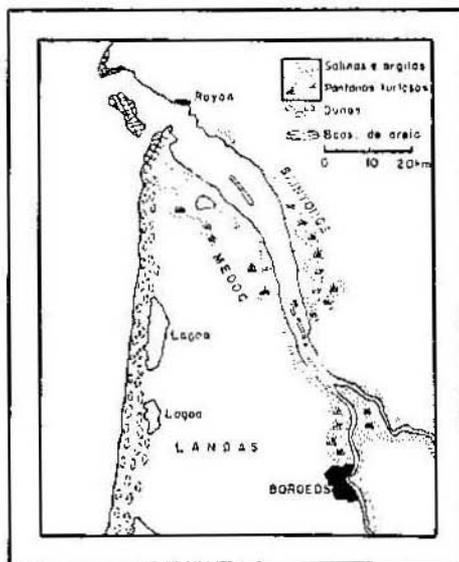
rentes de maré e das correntes litorâneas. Portanto não há ilhas neste tipo de foz.

O termo estuário deriva do latim estus, que significa maré.

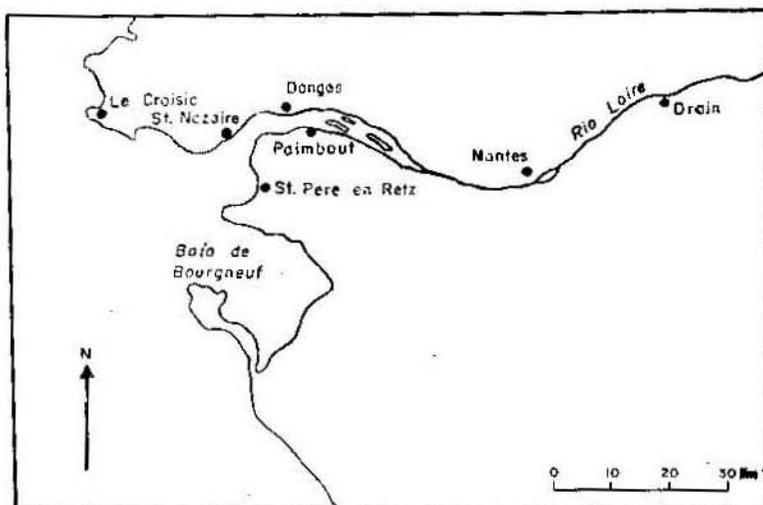
As condições ecológicas de um estuário se caracterizam pela instabilidade e troca freqüente de seu teor de salinidade, no sentido da desembocadura no mar e o ritmo de curta freqüência em consequência da ação da maré. A salgada-ambiente dá lugar a fenômenos de estratificação, com uma camada mais profunda de maior salinidade, subjacente a outra superficial - "mais doce" - e dupla circulação em camadas superpostas ou, ainda, com circulação vertical chamada "celular".

Toda a flora e fauna estuariais são propícias a formas de organismos que toleram variações amplas no que respeita ao teor em sais. Esses organismos vão-se sucedendo conforme a escala de salinidade e sua capacidade maior ou menor de tolerância. Entre os dois extremos, seres propriamente de água doce e seres marinhos, acham-se todos os intermediários. A troca de salinidade, traço básico de um sistema estuarino, tem motivado a criação de escalas por parte dos cientistas.

EXEMPLO TÍPICO DE ESTUÁRIO



Estuário de "La Gironde" no litoral francês do Atlântico, formado pela confluência dos rios Garona e Dordonha.



Estuário do Loire na Costa Atlântica da França.

A DESIGNAÇÃO DE LAGOA

Se examinarmos a documentação histórica e cartográfica como o fez Walter Spalding, veremos que as denominações LAGOA DOS PATOS, GUAÍBA e BARRA DO RIO GRANDE são relativamente recentes. A cartografia dos séculos XVII e XVIII até princípios do XIX, mencionava esses acidentes geográficos com uma só denominação: RIO GRANDE.

O GUAÍBA, no século XVIII, talvez desde 1732, era conhecido como LAGOA DE VIAMÃO, passando a denominar-se indistintamente, "Guaíba" ou "Lagoa de Viamão" até depois de 1750.

Alguém poderia pensar na restauração da velha designação de lagoa ao Guaíba, em face da sua escassa profundidade. Entretanto, essa designação não é adequada ao Guaíba, em virtude de, na terminologia científica, o termo lagoa ser reservado às antigas lagunas que perderam a comunicação com o mar, em face da acumulação de areias ou outros sedimentos, nos litorais de emersão. A existência do Guaíba é anterior à formação da planície litorânea do Rio Grande do Sul. Este fato está bem comprovado pelas pesquisas geológicas publicadas recentemente. É preciso não confundir o sentido da palavra lagoa atribuído pelo vocabulário comum, com o da linguagem científica da geografia. Este prende-se à origem geomorfológica do acidente geográfico. A existência do Guaíba, como antigo estuário e não laguna, pois o rio Jacuí desemboca no oceano que então envolvia o maciço granítico de Porto Alegre - é anterior à formação da planície litorânea.

O Guaíba é mencionado como LAGO por Herrmann von Ihering (1885), J. Tupi Caldas (1938), Balduino Rambo (1942) e Jorge Porto (1951), além de outros. Esses autores, no entanto, não explicaram em suas obras, porque rejeitaram as designações anteriores. Talvez por não desejarem ocupar muito espaço com o óbvio.

Para muitos leitores pode parecer estranha essa designação, principalmente levando-se em conta a incompleta definição dos dicionários comuns, que considera "lago uma porção d'água cercada por terra por todos lados". Esta explicação própria também dos compêndios escolares do ensino de primeiro grau, sugere apenas a imagem de lagos sem escoamento por meio de emissários ou ligação com outros lagos.

Mais correto é o conceito: extensão d'água doce ou salgada, ocupando depressão topográfica e que pode ter ou não escoamento externo. Aos rios que lhe são tributários dá-se o nome de afluentes e aos que escoam o excedente de suas águas, o de emissários.

Lagos são acumulações de águas doces ou salgadas formando, às vezes, o nível de base de uma vertente ou representando frequentemente um degrau no perfil ao longo de um rio e um alargamento de seu campo de inundação.

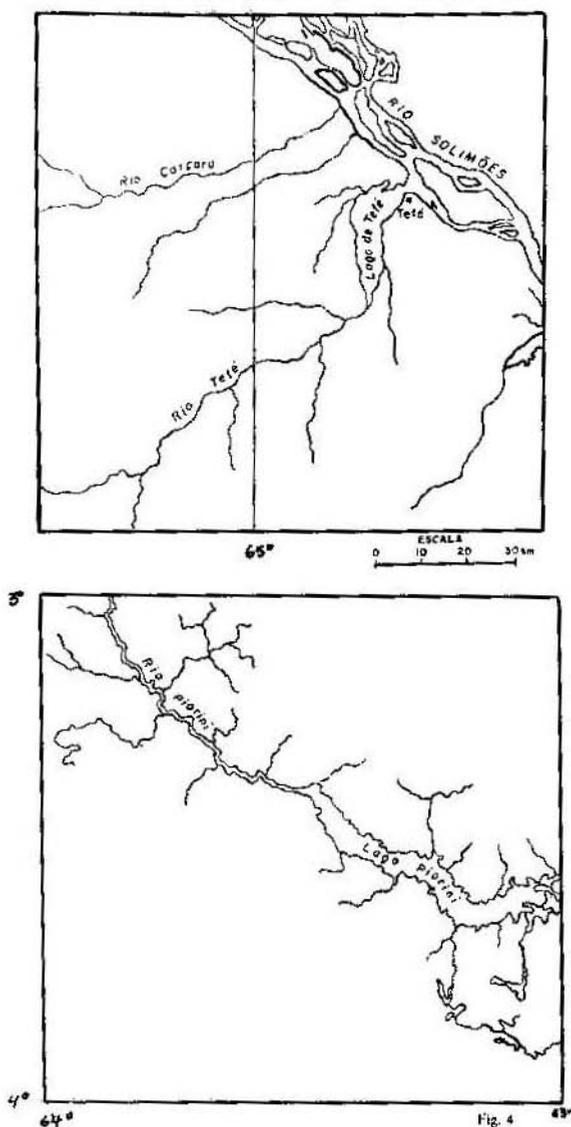
Os lagos são fortemente solidários com a hidrografia fluvial à qual contribuem para moderar quando são um elemento de seu leito maior.

Há quem se surpreenda por ser um lago apenas uma parte mais alargada do rio, onde a corrente é menos rápida. Neste caso, as águas lacustres não são mais do que as mesmas águas fluviais, seja em situação de trânsito, como no caso do Lago de Constança, na Suíça, em que o Rio Reno é seu principal afluente e, posteriormente, o seu emissário; ou em fim de etapa, como o Guaíba, alimentado pelos rios Jacuí, Caí, Sinos e Gravataí, que por circunstâncias morfológicas especiais não podem chegar ao oceano e desembocam numa depressão topográfica relativa, formando um lago.

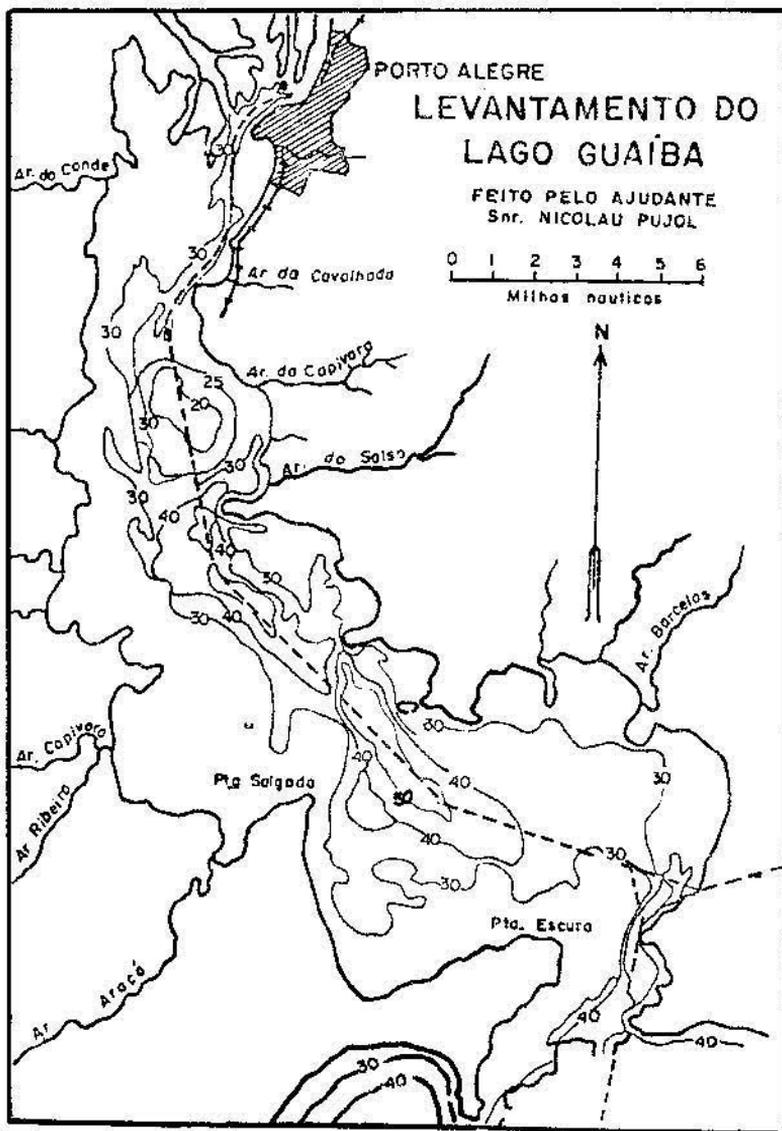
Em fim de etapa, tal como este lago chamado Guaíba, são também certos lagos de terra firme do Estado do Amazonas, tais como o rio Tefé, que se torna lago Tefé, e o Piorini. São as mesmas águas fluviais represadas pelos diques de aluviões.

Muitos lagos de terra firme, na Amazônia, formam ângulos quase retos ou "joelhos de fratura", conforme assinala Teixeira Guerra, ocupando linhas de falhas ou vales tectônicos posteriores e alongados e aprofundados pela erosão e finalmente invadidos e afogados pela água do rio Amazonas. Além dos citados, há ainda outros: o Lago Grande de Macapuru, o Anamá, o Badajós, o Caiambé, todos muito bem representados e visíveis na Carta do Brasil ao Milionésimo, Folha de Manaus, elaborada pelo IBGE.

LAGOS DE TERRA FIRME NA AMAZÔNIA



Entre os inúmeros Lagos Amazônicos do tipo de erosão, que podem ser melhor observados na Folha de Manaus da Carta do Brasil ao milionésimo (CNG 1948), reproduzimos apenas o Lago Tefé e o lago Piorini.



Reprodução da carta do Guaíba, tal como aparece na obra do engº Jorge Porto, "Contribuição ao Estudo das Vias de Comunicação no Rio Grande do Sul", editado em 1951.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CALDAS, J. T. - Aspectos Geomorfológicos do Estado do Rio Grande do Sul. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1938.
- GUERRA, A. T. - Lagos, Lagoas e Lagunas do Brasil. Curso de Férias para Professores. IBGE, Rio, 1968.
- Dicionário Geológico e Geomorfológico. IBGE, Rio, 1966.
- IHERING, Herrmann von - A Lagoa dos Patos. Separata da Revista ORGANON nº 14. Faculdade de Filosofia da UFRGS, 1970.
- OLIVEIRA, C.A.A. - A Designação do Guaíba, in PESQUISAS nº 12. Dezembro, 1979. Instituto de Geociências, UFRGS, 1979.
- PORTO, J. - Contribuição ao Estudo das Vias do Rio Grande do Sul. Livraria do Globo, Porto Alegre, 1951.
- SPALDING, W. - O Guaíba, a Lagoa dos Patos e a Barra do Rio Grande, in Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul nº 11. Porto Alegre, 1961.